

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MEIO AMBIENTE EM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO AMBIENTAL

**Cilmara Cristina dos Santos; Jaiarys Capa Bataglin; Edival Sebastião Teixeira**

Graduação em Serviço Social pela UNICENTRO – Guarapuava. Mestranda em Desenvolvimento Regional pela UTFPR; Graduação em Administração pela UTFPR. Mestranda em Desenvolvimento Regional; Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UTFPR.

**Resumo** - O artigo apresenta e discute os resultados de um estudo que teve por objetivo identificar e analisar as representações sociais de meio ambiente de dois grupos de estudantes, sendo um grupo de graduação em administração e o outro de graduação em gestão ambiental, de instituições públicas localizadas na região sudoeste do Paraná. Para a coleta de dados foi utilizado um instrumento baseado na teoria do núcleo central das representações sociais. Os resultados sugerem que não há diferença entre as representações de meio ambiente de ambos os grupos investigados, a despeito do fato de que a temática ambiental faça parte seja parte constituinte da estrutura curricular do curso de gestão ambiental.

**Palavras-Chave:** representações sociais; meio ambiente; administração; gestão ambiental.

**Abstract-** This paper presents and discusses the results of a study that aimed to identify, to analyze the social representations of the environment in two groups of students, with a group of administration and other graduate degrees in environmental management, public institutions located in the Southwest region of Parana. To collect data we used an instrument based on the core theory of social representations. The results suggest that there is no difference between the representations of the environment of both groups investigated, despite the fact that environmental issues are a constituent part of the curriculum of the course management system.

**Keywords:** social representations, environmental, management, environmental management.

### INTRODUÇÃO

Diante de uma realidade complexa e cada vez mais dinâmica, tem-se discutido consideravelmente sobre o desenvolvimento, considerando suas múltiplas dimensões: econômicas, sociais e ambientais.

As conseqüências trazidas pelo processo de modernização resultam no que Giddens (1991) chama de "sociedade de risco". Segundo o autor, essa sociedade de risco provoca notáveis transformações em três áreas de referência, sendo elas: o relacionamento da sociedade industrial moderna com os recursos da natureza e da cultura; o relacionamento da sociedade com as ameaças e os problemas produzidos por ela, que por seu lado excedem as bases das ideias sociais de segurança; e as fontes de significado coletivas e específicas de

grupo na cultura da sociedade industrial que estão sofrendo de exaustão, desintegração e desencantamento.

Dentre os riscos considerados pela modernidade, estão os relacionados à questão ambiental. Sabe-se que a expansão da produção industrial trouxe alguns efeitos colaterais na perspectiva das crises ecológicas globais. No entanto, tais efeitos deixam de ser apenas um "problema ambiental" e começam a ser também uma crise institucional profunda da própria sociedade industrial (BECK, 1997).

Diante da crescente preocupação ambiental, vários eventos marcaram a trajetória em busca de alternativas de proteção e preservação do meio ambiente. Um dos eventos a serem considerados neste contexto foi a Conferência de Estocolmo

realizada em 1972, a qual difundiu a crítica ambientalista ao modo de vida contemporâneo, tendo como pressuposto a necessidade de se desenvolverem estratégias para a sustentabilidade social, econômica e ecológica.

Estas preocupações têm estado muito presentes na mídia, de modo que é válido ressaltar, portanto, que a temática ambiental e o termo sustentabilidade não estão presentes somente nos discursos acadêmicos, mas que permeiam o imaginário e o ideário da sociedade em geral. Siche e seus colaboradores afirmam que “sustentabilidade vem do latim “sustentare” que significa sustener, sustentar, suportar, conservar em bom estado, manter, resistir. Dessa forma, sustentável é tudo aquilo que é capaz de ser suportado, mantido”. (2007, 2007, p. 140).

A palavra sustentabilidade também tem sido utilizada com frequência em combinações diferenciadas, como “crescimento sustentável; comunidade sustentável; economia sustentável; agricultura sustentável; etc.” (SICHE et al, 2007, p. 140), de forma claramente dirigida para ganhar a adesão das pessoas a certas idéias, ou ainda como forma de divulgar o que se concebe como vantagem competitiva no meio corporativo.

Contudo, essa apropriação do termo sustentabilidade na dinâmica da sociedade atual não tem levado em conta seu real significado, uma vez que, “a noção de sustentabilidade implica, portanto, uma inter-relação necessária de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a ruptura com o atual padrão de desenvolvimento” (JACOBI, 2003, p. 196).

Na Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental realizada em Tbilisi, em 1975, inicia um amplo processo em nível global, orientado para criar condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza e reorientar a produção do conhecimento baseada nos métodos de interdisciplinaridade e complexidade.

A partir de 1987, com a divulgação do Relatório Brundtland, também conhecido como “Nosso Futuro Comum”, pela primeira vez foi mencionada a ideia de “Desenvolvimento Sustentável”. Este relatório deixa explícito que o desenvolvimento sustentável destina-se a garantir as necessidades das atuais e futuras gerações.

Na Rio 92, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global coloca princípios e um plano de ação para educadores ambientais, estabelecendo uma relação entre as políticas públicas de educação ambiental e a sustentabilidade. Enfatizam-se os processos participativos na promoção do meio ambiente voltados para sua recuperação, conservação e melhoria, bem como para a melhoria da qualidade de vida (JACOBI, 2003).

A agenda 21 – documento resultante dos debates realizados na Rio 92 – em seu capítulo 36, aborda a

perspectiva do ensino e da sensibilização pública pautados na reorientação do ensino para o desenvolvimento sustentável em todas as áreas do conhecimento primando pela atuação interdisciplinar.

Enfim, desde a Conferência de Estocolmo, a discussão sobre princípios e orientações para a educação ambiental tem estado muito presente nas discussões sobre educação de um modo geral (LEFF, 2001; JACOBI, 2003; REIGOTA, 2007). O que se busca é a superação da dicotomia entre sociedade e natureza, tendo-se como pressuposto que o ambiente se constitui como um campo de interações culturais, sociais e naturais (CARVALHO, 2004). Contudo, as orientações emanadas de organismos multilaterais e que tem se refletido em políticas de educação ambiental, sugerem que esta temática perpassasse os currículos escolares transversalmente, isto é, sem a necessidade da criação de disciplinas específicas.

Nos cursos de graduação em administração, então, não existem disciplinas específicas de educação ambiental. Contudo, a temática ambiental está muito presente nessa área, como se exemplifica pelo fato de se criarem cursos especificamente voltados à gestão ambiental e pelo fato de que a defesa da “sustentabilidade” venha sendo utilizada como vantagem competitiva, ainda que apenas como estratégia de marketing, pelo mundo corporativo.

No que diz respeito à formação em Administração, a questão ambiental tem sido destacada consideravelmente nos últimos anos. Observa-se que as pesquisas no campo da ciência da Administração congregam estudos de diferentes formatos organizacionais e, nas últimas décadas, vêm buscando refletir sobre as práticas destas organizações em relação ao meio ambiente. A Teoria da Administração, em seus diferentes focos, aponta para os aspectos fundamentais das organizações, que em geral, são: a busca constante pelo lucro frente à competitividade do mercado e a centralização das decisões no processo de gestão. No entanto, o atual cenário mundial coloca em tensão o modelo convencional de desenvolvimento, centrado apenas na competição e no crescimento econômico.

Sendo assim, novas questões tem sido coladas em pauta no que diz respeito às ações das organizações que pode degradar o meio ambiente. E desta forma, têm provocado reflexões nas esferas acadêmicas, organizacionais, entidades governamentais e não governamentais, entre outras.

A Teoria da Administração mostrou grande avanço desde seus primórdios. Se considerado desde a Administração Científica de Frederic W. Taylor (1856-1915), percebe-se grandes avanços nas discussões. Os objetivos da administração, que eram exclusivamente econômicos, passam, após a

Segunda Guerra, por uma evolução com a incorporação da proteção ao emprego, a seguridade social, entre outros de características trabalhistas. Em meados da década de 50, o resultado tinha sido uma significativa ampliação do conceito de administração, em teoria e na prática. Desta forma, os conceitos de administração foram sendo gradualmente ampliados até incluir a dimensão ecológica.

Levando em consideração as crescentes necessidades ambientais, bem como, as pressões de ONGs, ambientalistas e população, as organizações passaram a incorporar em suas ações questões voltadas ao meio ambiente. Segundo DONAIRE (1995), o conjunto de atividades exercidas pelas organizações, vistas inicialmente como instituições apenas econômicas, com responsabilidades limitadas a problemas econômicos fundamentais (o que produzir, como produzir e para quem produzir) tem-se modificado em função de mudanças no ambiente em que operam.

Sendo assim, a gestão ambiental tornou-se nesta última década, uma importante ferramenta de modernização e competitividade para as indústrias brasileiras. A ascensão das questões ambientais até o status de instrumento gerencial veio complementar a abordagem de comando e controle, que desde sua introdução, há quase duas décadas, vinha sendo a única estratégia para garantir a qualidade ambiental no país. Então, no que diz respeito especificamente à formação do gestor ambiental nos cursos de graduação em administração, o currículo contempla aspectos econômicos, sociais e ambientais, bem como, o uso racional dos recursos naturais renováveis ou não, a reciclagem das matérias primas e a preocupação com o impacto ambiental através das ações humanas.

Mas, cabe perguntar de que maior ambiente se fala nos cursos de graduação em administração.

Segundo Marcos Reigota (2007), conceitos científicos se referem a termos, entendidos e utilizados universalmente como tais, já que são definidos, compreendidos e ensinados da mesma forma pela comunidade científica internacional. Para o autor, o meio ambiente poder ser definido como sendo “o lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído” (REIGOTA, 2007, p.14).

Assim, na definição desse autor, a concepção de meio ambiente comporta as relações dinâmicas e interativas entre os grupos sociais e o meio natural e construído. Ao mesmo tempo em que é um espaço determinado no tempo, é também percebido de maneira particular por cada pessoa que o

delimita em função de suas representações, conhecimento específico e experiências cotidianas nesse tempo e espaço.

Para Raynaut (2004), o meio ambiente integra o ser humano individualmente ou coletivamente. Ou seja, o homem não pode mais ser considerado “hóspede” do meio em que habita, e sim como parte integrante desse meio, do qual é, sujeito, objeto, ator e produto.

Todavia, não existe consenso sobre o conceito de meio ambiente na comunidade científica em geral e, por essa razão, tal conceito se constitui numa representação social, tendo em vista que uma representação social geralmente se manifesta como um senso comum acerca determinado tema (REIGOTA, 2007). Por conseguinte, uma representação social inclui também preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas.

A teoria das representações sociais surgiu a partir dos trabalhos de Serge Moscovici sobre os modos como a sociedade francesa concebia a psicanálise (MOSCOVICI, 2003; DUVEEN, 2003).

Segundo Moscovici (2003), as representações sociais consistem num sistema de valores, idéias e práticas que tem dupla função: em primeiro lugar, orientar as pessoas em seu mundo material e social visando estabelecer certo controle sobre o mesmo; em segundo lugar, possibilitar a comunicação na medida em que fornece aos membros de determinado grupo determinado conjunto de códigos que permitem nomear e classificar os vários aspectos de seu contexto sejam eles individuais ou coletivos. Desta forma, uma representação social tem a ver – ou é parte de – com uma concepção de mundo.

Por isso, segundo Moscovici, a teoria das representações sociais toma como ponto de partida “a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade”, tendo por objetivo “descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade” (MOSCOVICI, 2003, p. 79).

Jodelet (2001, p. 22), por sua vez, caracteriza a representação social como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Dois processos cognitivos, a ancoragem e a objetivação, são centrais numa representação social. A ancoragem tem a ver com o processo mediante o qual o sujeito tenta “ancorar” o desconhecido, reduzindo-o a categorias e imagens, as quais são contextualizadas relativamente a algo familiar. Ou seja, por meio desse processo transforma-se “algo perturbador, que nos intriga, em nosso sistema de categorias e o compara com um

paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada” (MOSCOVICI, 2003, p. 61).

Já a objetivação consiste no mecanismo que transforma o abstrato em concreto. Isto é, algo que está na apenas na mente, pela objetivação torna-se em “quase tangível”. É por meio desse processo que esse explica o fato de que, em determinados momentos, entes imaginários se tornem coisas reais, tangíveis.

Além da ancoragem e da objetivação, toda representação social estrutura-se em torno de um núcleo central, o qual determina, ao mesmo tempo, sua significação e sua organização interna. Esse núcleo é composto por um ou mais elementos cuja ausência desestruturaria a representação ou lhe daria uma significação completamente diferente (SÁ, 1986).

O núcleo central de uma representação define uma base coletivamente partilhada acerca de algum aspecto da realidade, sendo, por essa razão, marcado pela memória coletiva e determinado pelas condições históricas, sociais e ideológicas inerentes ao contexto de um grupo social. Esse núcleo é, ainda, estável, coerente e resistente à mudança (POLLI et al, 2007).

Além do núcleo central, toda representação social tem um sistema periférico que permite integrar experiências individuais às grupais. Desta forma, enquanto o núcleo central assegura a permanência coletiva de uma representação, o sistema periférico comporta a heterogeneidade, as idiosincrasias, as contradições e é sensível ao contexto imediato (POLLI et al, 2007), permitindo, dessa maneira, relativa diferenciação do conteúdo de determinada representação entre os diversos sujeitos de um mesmo grupo.

É o sistema periférico que promove a interface entre a realidade concreta e o núcleo central, “atualizando-o e contextualizando-o constantemente, daí resultando sua mobilidade e flexibilidade, permitindo a expressão individualizada e tornando possível que a representação social se ancore na realidade do momento” (CROMACK, BURSZTYN & TURA, 2009).

O presente trabalho consiste no relato de um estudo que teve objetivo identificar e comparar as representações sociais de meio ambiente de dois grupos de estudantes, sendo um de graduação em Gestão Ambiental, no qual a temática ambiental é objeto de estudo durante todo o processo de formação, e o outro de graduação em Administração, formação esta cujo discurso atual parece focalizar acentuadamente a questão do desenvolvimento sustentável.

## **MÉTODO**

Participaram da pesquisa 45 estudantes de ambos os sexos, sendo 25 acadêmicos de um curso de

graduação em Administração (ADM) e 20 estudantes de um curso de graduação em Gestão Ambiental (GAM). Ambas as IES estão localizadas na região sudoeste do Paraná, sendo uma federal e outra municipal.

Os dados foram coletados mediante a aplicação de um instrumento de evocação livre – com a expressão “meio ambiente” como termo indutor – elaborado de acordo com os procedimentos usuais para identificação do núcleo central de uma representação social, conforme especificado em Sá (1996), Camargo, Barbará & Bertoldo (2009), Polli et al (2007) e Cromack, Bursztyn & Tura (2009). As respostas de ambos os grupos foram organizadas em categorias considerando-se a proximidade semântica das palavras evocadas juntamente com as justificativas dadas pelos sujeitos quanto à escolha e importância atribuída a cada palavra.

Por sua vez, as respostas dissertativas ao instrumento foram analisadas segundo os procedimentos da análise de conteúdo, uma vez que esta técnica considera não somente a semântica da língua, mas também a interpretação do sentido que um indivíduo atribui à mensagem. Esse procedimento consiste em “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2002, p. 38). Já para Minayo (2003, p. 74), a análise de conteúdo visa descobrir o que “o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente)”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Mediante o termo indutor, os estudantes do Curso de Administração fizeram 100 evocações com 37 palavras diferentes. Considerando-se a proximidade semântica, essas evocações foram organizadas em 23 categorias distintas, das quais 9 caracterizam-se enquanto categorias mais salientes, com 72 evocações, o que corresponde a 72% do total de evocações do grupo. Em média, 52,78% dos elementos evocados nessas categorias foram considerados como sendo mais importantes pelos sujeitos. Segue abaixo o quadro 1, apresentando a frequência média de evocação por categoria (fme/c), as categorias e a ordem média de evocação (Ome), resultantes das palavras evocadas a partir do termo indutor meio ambiente.

A partir da análise dos dados obtidos pôde-se constatar que o núcleo central da representação social de meio ambiente dos acadêmicos de ADM é provavelmente formada pelas categorias, preservação, sustentabilidade, queimada, água, natureza.

Este núcleo central parece evidenciar a compreensão do meio ambiente ligada à

preocupação com a preservação e sustentabilidade da natureza. Observando-se as palavras evocadas e, mais especificamente as justificativas dadas pelos sujeitos, percebe-se que a expressão “preservação” tem relação tanto com a natureza e a água, como com as queimadas, pois esta última refere-se justamente à falta de preservação de ambas.

Quadro 1 – Frequência média de evocação, categorias e ordem média de evocação – Curso ADM

fme/c	Categorias	f	Ome < 2,52	Categorias	f	Ome ≥ 2,52
≥ 8	Preservação*	13	2,00	Árvores	15	2,67
	Sustentabilidade*	8	2,30	Queimada*	10	3,00
< 8	Água*	6	2,33	Vida	5	3,40
	Animais	5	2,40	Aquecimento	5	2,60
	Natureza*	5	1,80			

\* Elementos mais suscetíveis de pertencer ao núcleo central

De acordo com Giddens (1991), dentre as consequências trazidas pela modernização, percebe-se a ascensão de ameaças e riscos antes desconsiderados, tais como os relacionados a questão ambiental conforme Beck (1997). As discussões sobre a questão da sustentabilidade têm sido constantes no meio acadêmico, bem como têm estado presentes nos discursos que circulam pela sociedade como um todo. A própria inserção do tema nas discussões e agendas políticas, conforme visto anteriormente, através do Relatório de Brundtland, o Tratado de Educação Ambiental - Rio 92 e Agenda 21 refletem maior preocupação e transformação na linguagem social. Referente a isto, quando perguntado no questionário o motivo de considerar a palavra marcada mais importante que as demais, no caso da sustentabilidade, uma das respostas da pesquisa foi: “pois são temas e assuntos debatidos com maior frequência nos últimos tempos”. Assim, pode-se compreender porque essa expressão apareça com relevância dentre as evocações dos estudantes de Administração.

Analisando-se o conteúdo dissertativo das respostas ao instrumento de pesquisa, percebemos que as evocações mais próximas do núcleo central da representação estão bastante relacionadas à categoria “vida”, embora esse vocábulo seja periférico no contexto das evocações colhidas. Assim, se por um lado o vocábulo tenha sido pouco evocado, por outro parece haver uma relação direta entre essa palavra e o núcleo central da representação. Isso nos leva a pensar que, para esses acadêmicos, o meio ambiente tem a ver com preservação de recursos naturais visando a manutenção da vida.

Ou seja, as categorias preservação, sustentabilidade, queimada, natureza e água foram evocadas com grande importância por estarem relacionadas à sobrevivência dos seres vivos, ou à preservação da vida.

Esse resultado reflete, conforme já exposto por um dos entrevistados, que tais temáticas estão presentes cotidianamente na mídia impressa ou falada, onde muitas vezes são realizados programas específicos para o debate sobre as questões relacionadas ao meio ambiente, no ambiente escolar e na sociedade como um todo. Ou seja, não está restrito ao meio acadêmico ou a um curso específico.

Quanto aos acadêmicos do 1º ano do Curso de Gestão Ambiental, verificou-se que foram feitas 80 evocações com 33 palavras diferentes, as quais foram organizadas em 22 categorias distintas. Destas, 7 destacaram-se enquanto categorias mais salientes, com 49 evocações, o que corresponde a 61,25% do total de evocações do grupo. Segue abaixo o quadro 2, apresentando a frequência média de evocação por categoria (fme/c), as categorias e a ordem média de evocação (Ome), resultantes das palavras evocadas a partir do termo indutor meio ambiente.

Quadro 2 – Frequência média de evocação, categorias e ordem média de evocação – Curso GAM

fme/c	Categorias	f	Ome < 2,56	categorias	f	Ome ≥ 2,56
≥ 7	Preservação	12	2,33			
	Natureza	8	2,25			
	Sustentabilidade*	7	2,00			
< 7	Vida*	6	2,50	Água	6	3,67
	Árvore*	5	1,80	Conscientização	5	3,40

\* Elementos mais suscetíveis de pertencer ao núcleo central.

Comparando-se os dados apresentados nos dois quadros, nota-se que as semelhanças entre ambos são muitas. O núcleo central da representação de meio ambiente dos estudantes de Gestão Ambiental também parece organizar-se em torno da preservação de recursos naturais tendo em vista a sustentabilidade.

Assim, as manifestações verbais desses estudantes parecem refletir algum grau de preocupação com a questão da sustentabilidade, o que vem de encontro com as preocupações relacionadas à questão ambiental, amplamente debatida desde a Conferência de Estocolmo de 1972.

Nesse sentido, Siche (2007) aponta em seus estudos que “oficialmente o conceito de sustentabilidade foi introduzido no encontro internacional The World Conservation Strategy [...] assumindo dimensões econômicas, sociais e ambientais”, ou seja, iniciou-se o debate em torno dessa temática que foi se ampliando e sendo apropriado por diferentes segmentos populacionais e categorias profissionais (SICHE et al, 2007, p.135). Assim, considerando que o pilar da formação profissional do Gestor Ambiental pauta-se na administração e desenvolvimento de atividades que englobem os níveis econômicos e sociais na perspectiva do uso racional dos recursos naturais, percebe-se que as palavras evocadas pertencentes

ao núcleo central dessa representação parecem refletir o objetivo dessa formação profissional. Contudo, como já dissemos, não identificamos diferença significativa em relação às representações do outro grupo de estudantes.

Pelo contrário, corroborando nossa afirmação, podemos citar como exemplo as palavras de um dos estudantes de GAM, que, ao destacar como muito importantes as evocações preservação e vida, fez a seguinte afirmação: “devemos preservar para se ter recursos, o meio ambiente necessita de cuidado para ter equilíbrio sem prejudicar o seu todo, alcançando isso também estaremos cuidando de outro bem precioso que é a vida”.

Outra expressão que podemos destacar no presente estudo está relacionada à categoria água. Apesar de ser lembrada nas últimas posições e não destacar-se enquanto elemento mais suscetível de pertencer ao núcleo central, todas as vezes que foi evocada destacou-se dentre as mais importantes. Isto demonstra que a questão da água, para esses estudantes, parece bastante ligada à preservação e sustentabilidade ambiental, tal como essa idéia vem sendo divulgada na sociedade. Com efeito, um dos estudantes disse que “que só nós podemos evitar a degradação do meio ambiente e a poluição dos rios, só depende de cada ser humano”.

Outro elemento que pode ser destacado na representação refere-se à conscientização para com a preservação da natureza. Das cinco vezes em que essa palavra foi evocada, em quatro destacaram-se dentre as mais importantes. Nas justificativas, os estudantes a relacionam diretamente com a “sustentabilidade da natureza” e com a preocupação em não degradar, como podemos observar nas palavras de um dos acadêmicos: “porque a sociedade como um todo tem que se conscientizar para termos um mundo sustentável, para protegermos o meio e garantirmos os recursos naturais para as novas gerações”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados sugerem que o núcleo central da representação social de meio ambiente dos sujeitos da pesquisa está diretamente relacionado às idéias de preservação, conservação e sustentabilidade. De modo que, se mantido e conservado certos recursos naturais, ou se forem evitadas atitudes que levam à degradação da natureza, estar-se-ia contribuindo para a manutenção de recursos naturais vitais para as futuras gerações, efetivando-se o significado do termo sustentabilidade que fora delineado no Relatório de Brundtland.

Os resultados deste estudo preliminar sugerem, também, que não há diferença entre as representações sociais de meio ambiente de ambos os grupos de estudantes investigados, o de Administração e o de Gestão Ambiental. Isso a

despeito do fato de que este último seja formado por estudantes cujo objeto de estudo engloba em seu cerne a questão ambiental.

Desta forma, o que emerge da pesquisa é um indício mais ou menos forte de que a representação social em questão ancora-se e objetiva-se nos mesmos aspectos para ambos os grupos.

Por fim, os dados sugerem que as representações desses grupos refletem o modo como a questão ambiental vem sendo tratada na grande imprensa e, num sentido mais estrito refletem o próprio contexto de suas formações, nos quais a questão da sustentabilidade está bastante presente. Contudo, essa representação veiculada reflete a dicotomia entre sujeito e objeto típica da ciência moderna, a qual, no contexto da questão ambiental, coloca em campos opostos o homem e a natureza. Dizendo-se com outras palavras, parece emergir da pesquisa que se está diante de uma concepção que não enxerga o elemento humano como parte integrante do meio, igualmente sujeito, objeto, ator e produto.

Isto é, trata-se de uma representação que não leva em consideração, o fato de que a degradação ambiental ora presenciada está diretamente relacionada com as práticas predatórias alimentadas pelo modelo econômico vigente.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scott. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- CAMARGO, Brígido Vizeu de, BARBARÁ, Andréa, BERTOLDO, Raquel Bohn. *Representações sociais da AIDS e alteridade*. Estud. pesqui. psicol. v.9 n.3 Rio de Janeiro, dez. 2009.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CROMACK, Luiza Maria Figueira; BURSZTYN, Ivani; TURA, Luiz Fernando Rangel. *O olhar do adolescente sobre saúde: um estudo de representações sociais*. Ciênc. saúde coletiva vol.14 n. 2, Rio de Janeiro Mar./Abr. 2009.
- DONAIRE, D. *Gestão Ambiental na Empresa*. São Paulo: Atlas, 1995.
- DUVEEN, Gerard. *O poder das idéias*. In: MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 7-28.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- JACOBI, Pedro. *Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade*. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/2003.
- JODELET, Denise. *Representações Sociais: um domínio em expansão*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- POLLI, Gislei Mocelin et. all. *Representações sociais da água em Santa Catarina*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 3, p. 529-536, jul./set. 2009.

RAYNAUT, Claude. Meio ambiente e desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 10, p. 21-32. Jul/dez. 2004.

REIGOTA, Marcos. *Meio Ambiente e Representação Social*. 7. Ed. – São Paulo, Cortez, 2007.

SÁ, Celso Pereira. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SICHE, R; AGOSTINHO, F; ORTEGA, ENRIQUE; ROMEIRO, A. Índices versus indicadores: precisões conceituais na discussão da sustentabilidade de países. *Ambiente & Sociedade*, v. X, n. 2, p. 137-148, jul/dez 2007.